

Questão 1

As situações variam: alguns têm apoio financeiro/contam com financiamento, outros não; alguns escolhem o assunto da tese, outros não têm escolha; alguns trabalham sozinho, outros em equipe. Mas todos concordam que fazer uma tese se trata de uma prova pessoal, que envolve toda a vida, não é uma aventura intelectual. Poucos têm bolsa de estudo/ganham pouco- média de 1700 euros. Alguns contam/sobrevivem com apoio financeiro da família ou marido; as perspectivas profissionais também não são otimistas, pois conseguir um lugar no Centro de pesquisa-CNRS ou como professor na universidade é raro...

Questão 2

É um engano se lançar a fazer uma tese se não se tem razões sérias e profundas para levá-la a cabo corretamente. Deve-se ter um projeto realista, tanto no plano intelectual quanto no profissional. De nada adianta se lançar/se dedicar à tese sem um bom tema/assunto, sem uma grande capacidade de trabalho e um amor incondicional pela pesquisa. Talvez este último seja o mais importante.

Questão 3

O estresse se manifesta com sintomas, tais como: esgotamento físico, insônia, angústia, sentimento de culpa, emotividade, violência, dores diversas e vícios, como o álcool, o tabaco, a maconha, a bulimia, os psicotrópicos, a internet ... a depressão e a loucura.

Questão 4

A fim de justificar o que os levam a se aventurar a fazer uma tese, alguns dizem timidamente: “o gosto pela pesquisa”, o fato de “construir alguma coisa com seu pensamento” e o medo do desemprego, admite Hélène: “a tese me permite adiar o confronto com o mercado de trabalho”.

Questão 5

Assim o reconhecimento de seu trabalho por outros pesquisadores se mostra crucial. Pode se tratar de um reconhecimento financeiro - bolsa, encarregá-los de dar aulas, contrato para publicação - como também simbólica: participar de colóquios renomados/de prestígio ou publicar um bom artigo, honras, ou mesmo simples palavras de encorajamento.

Algumas teses nunca acabam, elas serão sempre sofrimento. Outras morrem aos poucos, porque o autor as abandonou, sem nunca o ter confessado, em nome de uma vida profissional mais tranquila. Mas, para a maioria dos doutorandos, chega um dia que terminá-la se torna vital. Assim, resta apenas uma solução: abandonar ou terminar.